

Os Jogos Olímpicos deixaram o Rio afundado em dívidas. O COI deveria ter ajudado.

Durante o ciclo 2013-16, o COI teve receita de US\$ 5,6 bilhões, grande parte dela obtida com a venda de direitos de transmissão de TV dos Jogos do Rio.

Por Scott Salmon

Tradução Ana Paula Soares Carvalho

RIO DE JANEIRO, BRASIL - Dez anos se passaram desde o momento inebriante em que o Rio de Janeiro foi premiado com os Jogos Olímpicos de 2016. Mas, enquanto a euforia gerada por essa notícia já se dissipou há muito tempo, a ressaca fiscal ainda é muito presente. Não é porque os Jogos acabaram faz tempo que essa história terminou. É fácil esquecer o otimismo vertiginoso dos primeiros anos do governo Lula, impulsionado pela descoberta de enormes reservas de petróleo e pelo boom global das commodities. Um momento fugaz em que o Brasil parecia, mais uma vez, ser "o país do futuro".

Quando o Rio lançou sua ambiciosa tentativa de ser o primeiro anfitrião sul-americano dos Jogos, poucos previam o abismo da recessão nacional, do escândalo político, da corrupção e da dívida que acabaria por invadir o legado olímpico da cidade. Quase três anos depois, muitas empresas que forneceram bens e serviços para a Rio 2016 ainda não foram pagas. Como resultado, o comitê organizador local enfrenta quase 600 ações judiciais. Na verdade, o mero fato de o comitê organizador do Rio ainda existir, com uma equipe de sete funcionários trabalhando em tempo integral, anos depois de dever já ter sido dissolvido, é um testemunho de seu endividamento e problemas legais em andamento. Além disso, agora sabemos que a dívida do comitê organizador local mais do que triplicou desde o término dos Jogos - passando de um valor inicial de R\$ 144 milhões (US\$ 32 milhões) para o valor atual de R\$ 420 milhões. (US\$ 113 milhões).

Parece quase inevitável que os contribuintes do Rio acabem pagando esse preço. Mas como se chegou a esse ponto - e a quem é possível recorrer?

Mesmo antes de ganhar o direito de sediar os Jogos Olímpicos, o Rio investiu milhões planejando, submetendo - e vendendo - sua oferta ao Comitê Olímpico Internacional (COI). Essa etapa crucial do processo foi subsequentemente contaminada pela corrupção - há suspeitas de que o presidente do comitê olímpico brasileiro tenha intermediado US\$ 2 milhões em propinas para a compra de votos de modo a garantir a vitória do Rio. Assim que o Rio foi agraciado com os Jogos, o COI contratou o comitê organizador local para conduzir os Jogos à sua conclusão. Embora o rótulo "jogos da austeridade" nunca tenha sido preciso, à medida que as circunstâncias econômicas da

Rio se tornaram aparentes, os organizadores locais fizeram uma tentativa genuína de organizar um evento fiscalmente responsável. Mas a divergência entre as preocupações da marca global e a realidade local gerou uma tensão contínua dentro das escalas da governança olímpica, com o COI insistindo em especificações onerosas e despesas extravagantes. A dívida vinda desse processo permanece. O comitê organizador do Rio pediu ajuda às (novas) administrações federal, estadual e municipal, mas, à medida que a recessão do Brasil se aprofundou, ela foi negada por todos. Um pedido de ajuda ao COI teve como resposta apenas uma declaração dizendo que o Comitê “havia encerrado todas as suas obrigações com o comitê organizador [do Rio]”.

Durante o ciclo de 2013-16, o COI teve receita de US\$ 5,6 bilhões, grande parte dela obtida com a venda de direitos de transmissão de TV dos Jogos do Rio. E, enquanto escrevemos, a nova e opulenta sede do COI em Lausanne está quase concluída. Uma marca singular do prédio envidraçado - descrito pela *Interior Design*, com ironia inadvertida, como “totalmente transparente” - é uma grande escadaria circular, que liga os cinco pavimentos do edifício, em homenagem aos anéis olímpicos do fundador Pierre de Coubertin. Em contraste com os eventos esportivos que administra, a sede do COI foi entregue dentro do orçamento - em cerca de US\$ 55 milhões. Em comparação, a dívida inicial da Rio 2016 para com fornecedores (sem contar juros, taxas e custos legais) era de aproximadamente US\$ 32 milhões. Em outras palavras, independentemente de seus administradores realmente precisarem trabalhar em uma obra-prima modernista, o COI poderia ter oferecido ao Rio um pacote de alívio da dívida sem comprometer seu novo edifício. Que os administradores do movimento olímpico tenham sentido a necessidade de construir um edifício administrativo emblemático, financiado com lucros dos próprios Jogos, é um pouco surpreendente. Que eles tenham optado por sediar suas atividades na Suíça livre de impostos, com sua cultura de impenetrabilidade financeira e sigilo bancário, não é.

O que permanece em aberto é se o COI tinha a responsabilidade de ajudar o Rio ou não. É uma questão que, em última análise, será decidida pela quantidade de cidades que estarão dispostas a assumir o esforço que as Olimpíadas de Verão representam.